

Depois da surpresa, PMDB deve mudar

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O PMDB agora terá de mudar, pelo menos na sua atuação na Assembleia Nacional Constituinte. A liderança do senador Mário Covas estará exclusivamente voltada para os compromissos do partido com a sociedade. Se depender do líder, os trabalhos dos constituintes, no que diz respeito ao partido majoritário, terão de ser conduzidos de forma diferente do que se faz, normalmente, na Câmara e no Senado.

Nas casas legislativas ordinárias pode, e às vezes deve, acontecer a influência do Poder Executivo. O líder do partido situacionista costuma atuar, também, como líder do governo. Na Câmara e no Senado tem de ocorrer a luta entre situação e oposição. Na Constituinte não pode, nem deve ocorrer. A missão da Assembleia Nacional Constituinte é, acima de tudo, a de elaborar uma carta constitucional permanente, capaz de traduzir a média das reivindicações da Nação.

Como líder do PMDB na Assembleia Constituinte, Mário Covas pode e não pode manter aliança com o PFL. Essa aliança ainda sobrevive, apesar de tudo, no apoio ao governo Sarney, refletindo-se nas ações e decisões da Câmara e do Senado. Na Constituinte cada partido deve exercer sua própria liderança, tomar suas próprias decisões, cumprir os compromissos que achar conveniente.

Por isso mesmo Covas teve seu emocionante discurso de anteontem, na reunião da bancada, interrompido por aplausos, ao considerar inconveniente o líder do partido na Constituinte integrar o chamado Conselho Político da Presidência da República — que seria o caso de Luiz Henrique, se tivesse vencido a disputa.

Cada constituinte foi eleito por uma legenda partidária, adote ou não o programa pelo qual se comprometeu. Não deve haver, a rigor, alianças pessoais, mas cumprimento de linhas programáticas. Isso, na teoria. Na prática, Mário Covas deverá enfrentar dissensões de ordem ideológica, à medida que avançarem os trabalhos das comissões e quando começar o debate da Carta Constitucional em plenário.

Por temer as dissensões programáticas em sua bancada, o líder pregou em seu pronunciamento a unidade do PMDB: se há dentro da Constituinte algo a nos unir, um cimento a nos organizar, esse cimento é, necessariamente, o partido político.

A resposta foi a vitória de Covas sobre Luiz Henrique, considerado o candidato da máquina partidária, da presidência do partido, da Câmara e da Constituinte. Ninguém, nessa área, esperava a derrota. Os coordenadores da candidatura Luiz Henrique diziam que, no máximo, Mário Covas se aproximaria dos 90 a cem votos.

Agora, todos terão de rever o que vinham fazendo, pela certeza da vi-

tória. Há compromissos de constituintes para esta ou para aquela comissão da Constituinte, há promessas de fazer este ou aquele presidente ou relator-geral das mesmas comissões. Ninguém contava com uma possível revisão. E teve mais: sem a indicação do líder do PMDB na Assembleia Constituinte, chegou à Mesa documento designando alguns vice-líderes de Luiz Henrique para atuarem como vice-líderes na Assembleia Constituinte. O carro adiante dos bois. As indicações foram sustadas, para se aguardar a decisão oficial da bancada quanto ao líder.

Os votos que garantiram a vitória (surpreendente) de Mário Covas refletiram, e muito, a vontade de protestar. Muitos votaram contra a concentração de poderes nas mãos de Ulysses Guimarães — que domina o partido, a Câmara, a Constituinte e as lideranças. Para o líder eleito, muitos queriam clareza no apoio do PMDB ao governo, inconformados com a posição dúbia do partido em relação ao governo. O deputado Prisco Viana, dos mais ligados ao presidente Sarney, ao ouvir essa parte da fala de Mário Covas, decidiu votar no senador paulista. Já o deputado Luiz Viana Neto, também da Bahia, erulou com a vitória de Covas. Para ele, o senador, na liderança do PMDB na Constituinte, poderá cortar a crista de José Lourenço.

O líder do PFL, pelo seu estilo, tem dominado as votações e atuado como líder de governo de fato nas negociações e no plenário da Constituinte. Talvez por isso mesmo Lourenço tenha dito, antes da decisão do PMDB, que preferia a vitória de Luiz Henrique.

O líder do PMDB na Constituinte, que fez questão de destacar sua condição de político, afirmou que, se tudo pode, a Assembleia Constituinte nem tudo deve. Traduzindo: para Mário Covas, a Constituinte tem de saber usar sua soberania natural para que seus objetivos possam ser atingidos.

O PMDB, embora tivesse lutado muitos anos pela convocação da Assembleia Constituinte, quando isso aconteceu não soube o que fazer. Os eleitos chegaram a Brasília sem que o partido tivesse uma proposta de regimento interno. Não tinha o PMDB traçado seu comportamento na Constituinte.

Com Mário Covas na liderança do PMDB na Constituinte não haverá mais decisões de um só homem — Ulysses Guimarães. O líder não será um assessor do presidente do partido e da Constituinte. Também não será opositor sistemático. O presidente da Constituinte terá, de ora em diante, de exercer o papel que está definido no regimento interno. As negociações serão de responsabilidade das lideranças.

Com Mário Covas o PMDB deverá começar a praticar a democracia dentro de casa. Luiz Henrique não perdeu. Foi o PMDB que ganhou.

E.M.

ANC 88
Pasta 12 a 20
março/87
132